

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SEGUNDA-FEIRA, 8 DE AGOSTO DE 2022

NÚMERO 21.693 • 26 PÁGINAS • R\$ 3,00

Candidatos miram em Ibaneis no 1º debate



Ed Alves/CB/D.A Press

Postulante à reeleição e líder das pesquisas de intenção de voto, o governador Ibaneis Rocha (MDB) sofreu críticas e ataques à sua administração no encontro que reuniu sete candidatos ao Buriti, ontem, na TV Band. Saúde, questões sociais e educação foram os principais temas abordados. Rafael Parente (PSB), Keka Bagno (PSol), Paulo Octávio (PSD); Leandro Grass (PV), Izalci Lucas (PSDB) e Leila Barros (PDT), além de Ibaneis, participaram do debate.

PÁGINA 13

Ed Alves/CB/D.A Press



Reprodução/Instagram/@leandrollo via @leandrolloj

Tristeza para o esporte

A Polícia de São Paulo pediu prisão preventiva do PM Henrique Vellozo, que atirou na cabeça do octacampeão mundial de jiu-jítsu Leandro Lo, num show em São Paulo. O atleta teve morte cerebral confirmada. PÁGINA 4

Capital S/A

Veja em quais regiões do DF os imóveis usados são mais caros

PÁGINA 15



Divulgação: CBF/Nike

Roupa nova para o hexa

Entenda por que Neymar não foi um dos modelos da apresentação das camisas do Brasil para a Copa.

Colecionador de medalhas

Um dia depois de brindar o Brasil com ouro, Isaquias Queiroz também é prata no Mundial de Canoagem.

Cesar Greco/Palmeiras



Agarrado com a liderança

Com gol de Mayke, Palmeiras vence Goiás e amplia vantagem na liderança para seis pontos.

PÁGINAS 19 E 20



Sob domínio do Sol

A onda de calor e seca no DF deve continuar após 93 dias sem chuvas. Hoje, a temperatura pode chegar a 30°C e a umidade do ar terá mínima de 15%. Para evitar desidratação e insolação, confira orientações para diminuir os efeitos da estiagem. PÁGINA 14

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Brasília mais bela

O ipê-amarelo começa a florir, rompendo a aridez da seca que castiga a cidade. E moradores da capital, como Marluce Xavier, 52 anos, aproveitam para fazer selfie em frente às árvores PÁGINA 17

Brasil faz alerta contra pólio e tenta vacinar mais de 15 milhões

Sem alcançar a meta de cobertura de 95% do público-alvo desde 2015, o Ministério da Saúde inicia hoje um esforço para imunizar 15 milhões de crianças, entre 1 e 5 anos, em mais de 40 mil pontos em todo o Brasil. Apesar de a doença ser considerada erradicada no país desde 1994, a redução na procura pelas vacinas e o ressurgimento do vírus em países como Israel acenderam o alerta das autoridades para uma mobilização. Especialistas veem risco da volta da poliomielite. PÁGINA 4

A volta de Daciolo

Ex-candidato ao Planalto em 2018 vai disputar o Senado pelo PDT do Rio. Evangélico, substituiu o babalorixá Ivanir dos Santos. PÁGINA 3

Carta vem desde 1977

Ideia de manifesto pela democracia, como a que será entregue dia 11, surgiu há 45 anos. Correio ouviu os pioneiros da proposta. PÁGINA 2

ENTREVISTA / Mailson da Nóbrega

"Bolsonaro é um criador de crises"

» ROSANA HESSEL

Ao Correio, ex-ministro da Fazenda faz duras críticas ao presidente e ao ministro da Economia. "Paulo Guedes vive em mundo paralelo", ataca Mailson, afirmando que a situação orçamentária e fiscal do país é frágil. "Brasil não pode ficar mais quatro anos com Bolsonaro". PÁGINA 5

AFP



Giro à esquerda na Colômbia

A senadora María José Pizarro, filha do ex-guerrilheiro do M-19 Carlos Pizarro, morto em 1990, coloca a faixa em Gustavo Petro. Ao tomar posse, ele pediu o fim da guerra antidrogas e propôs benefícios a quem baixar armas. PÁGINA 9

Ed Alves/CB/D.A Press



DOMINGO RADICAL / Velocidades e manobras ousadas levaram o público ao delírio no Campeonato de Drift do DF, com 40 competidores, no Mané Garrincha. PÁGINA 15

ISSN 1808-2661
9 771808 266028

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166

(61) 99256.3846

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA



SOCIEDADE

Coração de estudante na luta por democracia

Autores da carta da Faculdade de Direito que será lida nesta semana contam ao **Correio** como participaram de ato histórico em 1977

» HENRIQUE LESSA

Hélio Campos Mello/Divulgação



Em ato contra a ditadura militar, o jurista Goffredo Telles Jr. lê a Carta aos Brasileiros pela volta da democracia, no pátio das Arcadas da Faculdade de Direito da USP, em agosto de 1977

Iniciativa de seis juristas, a *Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito*, em pouco mais de uma semana soma quase 800 mil assinaturas. O documento, que será lançado oficialmente na próxima quinta-feira, é inspirado em um manifesto semelhante lido nas Arcadas da Faculdade do Largo São Francisco pelo professor Goffredo Telles Jr., em 1977, em ato que ficou na história como um marco na organização da sociedade civil contra a ditadura militar, e que está completando 45 anos.

O **Correio** conversou com os seis juristas que atualizaram o documento de 1977, dentre eles, cinco ex-alunos da Faculdade de Direito da USP. Quatro estavam presentes ao ato histórico e ainda guardam lembranças muito vividas daquele momento.

Os juristas responsáveis pela edição atual são Dimas Ramalho, 68 anos, presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo (TCE-SP); Luiz Marrey, 67, procurador da Justiça de SP; Roberto Mônaco, 63, advogado trabalhista; Roque Citadini 71, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo (TCE-SP) — testemunhas da leitura da carta de 1977 —, além do juiz federal Ricardo Nascimento, 60, que ingressou na USP em 1979. O mais jovem do grupo, único não oriundo do Largo do São Francisco, é o procurador-geral de Contas do Estado de São Paulo, Thiago Lima, 37.

Ramalho, Marrey, Mônaco e Citadini, jovens estudantes na época, têm na memória o sentimento que marcou a leitura da carta contra a ditadura. “Foi a emoção do orgulho de não ter sido omissos, de ter lutado pela democracia e continuar lutando por ela hoje”, disse Marrey.

“Me lembro como se fosse hoje, me lembro de cada um dos instantes, foi absolutamente eletrizante, foi aquela sensação de desengasgar algo que estava preso na garganta”, relembra Mônaco.

Todos tinham a percepção de que viviam um momento histórico. “Vários acontecimentos foram moldando a nossa postura. Mesmo sendo um jovem de 19 anos, eu tinha certeza de que eram históricos”, rememora Ramalho.

Seja por cautela dos professores, seja para não retirar o peso do documento assinado por alguns juristas e pelos professores da faculdade que não estavam alinhados ao regime, os alunos não puderam assinar o documento que, diferentemente de hoje, não foi aberto a subscrições.

Mesmo não sendo possível assinar, Ramalho conta que todos se mobilizaram para acompanhar a leitura do professor Goffredo Telles: “Nós ajudamos a encher de gente para ver lá, saímos de sala em sala para avisar que teria uma leitura”. Era um documento dos juristas, mas apoiado por todos os setores da sociedade que clamavam por democracia.

O impacto da carta de 1977 só foi percebido depois da sua leitura, mas todos tinham receio da reação da ditadura, em função da vigilância constante do Doi-Codi (um dos órgãos de repressão do regime). Luiz Marrey lembra que, há poucos anos, teve acesso



Nós somos de uma geração que não tem medo. Quem não teve medo do Doi-Codi vai ter medo desse pessoal que fala pela internet? Nossa geração tem o couro grosso”

Roque Citadini,
conselheiro do TCE-SP

Arquivo Pessoal Roque Citadini



Grupo dos seis, com Campilongo (da USP) ao centro: Mônaco, Marrey, Nascimento, Citadini, Ramalho e Lima

a sua ficha em outro órgão de repressão, o Dops, e que lá encontrou diversas anotações quanto aos lugares que frequentava, inclusive informações levantadas após a queda do regime, em 1985, com a posse do presidente José Sarney. “Na minha ficha do Dops, constava que eu tinha virado procurador-geral do Ministério Público, mas isso foi acontecer só 1996, ou seja, botaram no piloto automático”.

Frango caipira

Para marcar os 45 anos da leitura da carta de 1977, os antigos estudantes chegaram em pensar em fazer uma placa em homenagem ao professor Goffredo Telles, mas, segundo eles, as ameaças de desrespeito ao sistema eleitoral brasileiro fizeram com que, após um encontro no Café Girondino, no centro de São Paulo, Mônaco e Nascimento resolvessem procurar outros colegas para escrever um texto-manifesto pela manutenção do Estado

Democrático de Direito inspirado no ato de 1977. Se, na época, a carta aos brasileiros pedia a volta da democracia, o texto deste ano precisava defender a sua manutenção.

Depois de alguns encontros, o grupo foi se consolidando com a chegada de mais apoiadores, colegas dos tempos de faculdade. A ele, agregou-se um jovem piauiense, o procurador Thiago Lima.

As versões foram discutidas e a final, fechada em um jantar na casa de Citadini. O arroz com frango caipira foi o cardápio preparado pelo próprio anfitrião, um cozinheiro hábil.

Mas a carta precisava de um apoio institucional, e o professor Celso Campilongo, diretor da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco foi procurado, como conta o juiz Ricardo Nascimento: “A gente foi conversar com o diretor da faculdade de direito que, depois, também contribuiu para o texto final, mas, naquele momento, ele nos falou que a faculdade já estava

preparando um manifesto de entidades com a Fiesp e outras”.

“A gente não podia ficar parado, o que eu vou ficar fazendo até as eleições, vou ficar esperando o golpe que pode vir e ficar quieto? Isso foi até terapêutico para mim”, confidenciou Campilongo.

Nascimento acrescenta que a esposa dele, Satie, foi a primeira pessoa que ele lembra ter cobrado a inclusão das brasileiras. Resistente, como confessa, acabou capitulando depois que Marrey reforçou a necessidade de a carta se adequar aos novos tempos em que a inclusão social faz parte da agenda social do país. Mas ressalva que sua resistência se deveu mais à vontade de homenagear o título original da carta de 1977 do que por discordar da opinião de Satie.

A pretensão era conseguir de 200 a 300 assinaturas para, depois, lançar a carta na internet para obter mais subscrições. Mas a repercussão surpreendeu. “O texto original dizia: ‘nós, da comunidade jurídica’, mas o Citadini mostrou para o (jornalista)

Juca Kfour, que disse: “abre aí que eu quero assinar também, e eu trago jogador de futebol para assinar. Daí, o Raf e o Casagrande assinaram, eu acho que foram os dois primeiros nomes fora da comunidade jurídica que assinaram a carta”.

Quando foi aberta na internet, já contava com 3 mil assinaturas. Nas primeiras 24 horas, recebeu mais 100 mil adesões. “Nunca imaginamos isso, a ideia nossa era fazer um ato como em 77, demonstrar um sinal de que havia um grupo de pessoas atentas, em especial, da comunidade jurídica, nada do tamanho que se tornou”, disse Thiago Lima.

Todos reforçam o caráter apartidário da iniciativa e citam que muito adversários políticos se irmanaram na iniciativa. “O autor do impeachment da Dilma assinou, Miguel Reale Jr; o defensor do impeachment, José Eduardo Cardozo, assinou; a ex-presidente Dilma assinou; o ex-presidente Fernando Henrique assinou”, complementou Thiago Lima.



Me lembro como se fosse hoje, me lembro de cada um dos instantes, foi absolutamente eletrizante, foi aquela sensação de desengasgar algo que estava preso na garganta”

Roberto Mônaco,
advogado trabalhista

Pressões contrárias

Após a divulgação pública e a adesão expressiva de nomes da sociedade civil, alguns dos subscritores entraram em contato com o grupo para pedir que seus nomes fossem retirados. Alguns, cujos nomes foram preservados, por pressão do governo federal. “O governo terminou de forma equivocada se sentindo ameaçado pelo manifesto. De forma equivocada porque eu quero acreditar que os nossos governantes também defendem a democracia. O manifesto não é para atacar ninguém, é para defender que o resultado da eleição seja respeitado”, avliou Thiago Lima.

Citadini corrobora: “Muita gente tem temor do governo, mas nós somos de uma geração que não tem medo. Quem não teve medo do Doi-Codi vai ter medo desse pessoal que fala pela internet? Nossa geração tem o couro grosso, isso ajuda”.